



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **Devires-*Trans*: Corpo, Arte e Política na Cultura Pop<sup>1</sup>**

**Thiago Tavares das Neves<sup>2</sup>**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

**Vyullheney Fernandes de Araújo Lacava<sup>3</sup>**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

### **Resumo**

Este texto tem como objetivo posicionar o corpo em primeiro plano, mostrar seu protagonismo dialogando com questões relacionadas à arte, à política, ao gênero (especificamente transexuais, transgêneros e travestis) e aos entrelaçamentos das três esferas na cultura pop. Falamos aqui de um transativismo (artistas transexuais, transgêneros, travestis que utilizam o corpo como plataforma artística, política, revolucionária, potente) sem esquecer que este corpo *trans* é também comunicativo e pode ser pop. Pensamos que é através do corpo que a partícula *trans* emana como aquilo que atravessa, que está em movimento, em ação, mutação, agenciamento, produção; o *trans* é compreendido aqui como máquina de afetos, de alteridades, de relações comunicativas.

**Palavras-chave:** corpo; arte; política; transativismo.

### **O corpo em protagonismo**

O corpo humano é instrumento de vinculação, de sentidos, mídia primária, máquina de afetos, política, artística, estética e semiótica. Falar sobre o corpo é ir além de suas propriedades físicas, químicas e biológicas, é penetrar também em campos sociais, filosóficos, comunicacionais, antropológicos e tecnológicos. O corpo é também portador das dimensões ontológica, existencial,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 05 - Comunicação, Consumo e Novos Fluxos Políticos: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Jornalista e Radialista de formação. Pesquisador do Marginalia – Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura da mesma instituição. [nevesthiago1@hotmail.com](mailto:nevesthiago1@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutorando em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRN, Mestre em ciências sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRN, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela UFRN. Integrante do POIESIS – Grupo de Estudos de Culturas e Subjetividades, email: [vyullheney@yahoo.com.br](mailto:vyullheney@yahoo.com.br).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

simbólica e afetiva. Por meio do corpo o indivíduo se projeta, existe e apreende o mundo, construindo um universo de sentidos.

O objetivo deste texto é colocar o corpo em primeiro plano, mostrar seu protagonismo dialogando com questões relacionadas à arte, à política, ao gênero (especificamente transexuais, transgêneros e travestis) e aos entrelaçamentos das três esferas na cultura pop<sup>4</sup>. Falamos aqui de um transativismo (artistas transexuais, transgêneros, travestis que utilizam o corpo como plataforma artística, política, revolucionária, potente) sem esquecer que este corpo *trans* é também comunicativo e pode ser pop.

Nesse contexto do transativismo não podemos esquecer questões relacionadas também à dramaturgia do corpo. As apresentações de transativistas, como a Linn da Quebrada<sup>5</sup>, por exemplo, geralmente são acompanhadas de forte carga performativa e teatral. Em show realizado em Madrid em março de 2018<sup>6</sup> na sua turnê pela Europa, Linn desce do palco e realiza sua performance em conjunto com a plateia. Seu corpo, naquele momento, se mistura com os demais, trata-se de um corpo expandido, dilatado, que experimenta, dramatiza e se transforma. Há criação na metamorfose, na dramaturgia corporal.

Para pensar na dramaturgia de um corpo, há de se perceber um corpo a partir de suas mudanças de estado, nas contaminações incessantes entre o dentro e o fora (o corpo e mundo), o real e o imaginado, o que se dá naquele momento em estados anteriores (sempre imediatamente transformados), assim como durante as predições, o fluxo inestimável de imagens, oscilações e recategorizações. (...). A dramaturgia do corpo emerge da ação. (GREINER, 2005, p.81).

Essa dramaturgia vai tecendo uma teia de sentidos, uma cadeia semiótica que vai se construindo como uma teia rizomática. O corpo vai assumindo outras configurações durante a dramaturgia, novas formas de se relacionar e comunicar emergem, a partir da ação, do movimento, da

<sup>4</sup> Atribui-se cultura pop ao conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento; se ancora, em grande parte, a partir de modos de produção ligados às indústrias da cultura (música, cinema, televisão, editorial, entre outras) e estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante. (SOARES, 2014, p.2).

<sup>5</sup> Natural de São Paulo capital, mas criada no interior nas cidades de Votuporanga (SP) e São José do Rio Preto (SP), Linn se declara uma bixa preta, travesti, periférica, da quebrada, filha de empregada doméstica. Linn é uma *artivista* proveniente da periferia, utilizando a música e o corpo como armas de desconstrução e construção. Desconstrução de gênero, do machismo, do falocentrismo, do preconceito; e construção de um novo feminino, de outras subjetividades, de um corpo que experimenta e ao experimentar se reinventa.

<sup>6</sup> Apresentação da Linn. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fC2ZifTt5mA>. Acesso em 02 de abr. 2018.



interação entre corpo e mundo. Um mapa de afetações vai sendo traçado nesse corpo artista, nesse corpo sem órgãos<sup>7</sup>, palco de experimentações e de sensações.

O corpo como espécie de “plataforma semântica”, é fundamental partir dos estudos do movimento. O corpo vivo se constrói como uma espécie de modelo semântico e este modelo emerge sempre da ação. Ele não a precede. Os conceitos são gerados ou tornados conscientes pelo corpo vivo, no fluxo da vida cotidiana, através de ações como mascar, urinar e respirar, entre outras. (GREINER, 2005, p.66).

É nessa teia de sensações e significados que vai se tecendo o corpo artista, entrelaçando este devir arte, este devir *trans* que se insurge, como aposta política, aposta artística. As fronteiras entre corpo, arte e política ficam borradas.

### Corpo-arte

Os ambientes pelos quais a arte circula estão sempre dedicados ao contato, direto ou indireto, com outros corpos. O investimento artístico de quem se dedicou a elaboração da obra de arte está perpassado pela dinâmica do que almeja, de alguma maneira, fazer-se exposto. O corpo em espaços dedicados as artes poderia ser então compreendido como uma grande disposição de entradas e saídas, por onde fazem passar os fluxos artísticos, na lógica da *servidão maquínica* que Lazzarato (2014) delineou, onde as nossas vidas estão perpassadas pelas passagens de algo que está além da linguagem, somos atravessados por semióticas a-significantes<sup>8</sup>.

O entrelaçamento entre o corpo e a arte, aqui presente enquanto algo da ordem da imprecisão e da necessidade associações imprevisíveis, aventura-se por entre caminhos inesperados. Pensamos neste corpo que se faz enquanto sedutor aos olhos entreabertos nas passagens. A importância das passagens é que as artes e suas semióticas a-significantes estão sempre em destruição entre pontos, entre focos, Lazzarato (2014) “elas deslizam em vez de produzir significações ou representações”.

<sup>7</sup> O Corpo-sem-Órgãos é o corpo da experimentação, do desejo, da alegria, do êxtase, da dança, é povoado de intensidades e só elas podem ocupá-lo, não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Ele luta contra o organismo, faz passar intensidades, as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. É uma conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a).

<sup>8</sup> Nos referimos aqui as semióticas a-significantes de Guattari que operam com o mundo pré-verbal, da subjetividade humana, povoado por semióticas não-verbais, afetos, temporalidades, intensidades, movimentos, velocidades, relações impessoais e não atribuíveis a um eu ou a um sujeito individuado, e raramente apreensíveis pela linguagem. (LAZZARATO, 2014).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Esta distribuição faz-se enquanto processos de subjetivação política. Cada um dos pontos dispostos nestas relações estão em constante processo de modificação, alteração, redistribuição.

Um corpo artista, que aqui é dimensionado a partir de *experimentações trans* em contexto de produções artístico-musicais, faz-se pela capacidade de dispersão e articulação com um mundo que não estava formado ainda. Diversos elementos são acionados para a construção de um *agenciamento musical*, a criação de máquinas de guerra para a liberação da passagem da vida. Ao falarmos deste tipo de vida que se faz entre associações estamos perseguindo algo que ultrapassa a dimensão antropocêntrica da vida. Os maquinismos musicais, estéticos, artísticos, estão sempre compostos de várias pequenas máquinas, onde uma delas é o humano em suas tentativas de extrapolar e expor sua vida – a partir do contexto artístico-musical.

O que interessa aqui é a capacidade de intensificação artística para que algo de inesperado se insurja, novos modos de vida, produção de novas formas de habitar o mundo e com isso novas formas de produzir. Félix-Silva (2015, p. 185), frisa: “no que se refere ao nosso modo de viver e amar, esses processos de subjetivação podem expressar a reprodução de gêneros inteligíveis à produção de processos singulares”. Seguindo nesta linha de percepção de *experimentações trans* no mundo, o que se retêm é a capacidade de intentar no mundo o atravessamento subjetivo neste tecido urbano e sensível.

Pensar acerca deste corpo que é atravessado por forças artísticas é pensar em processos de subjetivação e como este vem a se constituir nos campos de forças que implicam um mundo e seus deslocamentos, suas tensões, suas constituições de novidades que emergem das urgências das vidas. Ainda com Félix-Silva (2015, p. 185), as *experimentações trans* implicam que “Tais processos de subjetivação constituem a maneira que cada um de nós tem de estar no mundo, de perceber o mundo e de devir”.

São os corpos que estão sempre em foco quando relatamos que os processos de criações artísticas buscam uma zona de composição *entre mundos*. O mundo do artista e suas experimentações criativas compoem uma nova face para a vida, a partir das suas criações artísticas, sendo jogado aos ares, para o desfrute e desbunde coletivo. O que interessa, nesse sentido, para além das sensações do de um *corpo trans* é o entrelaçamento deste com um *corpo artista* que se prolonga em suas composições e performances nos palcos da vida.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Tentamos avançar na dinâmica dos atravessamentos de uma *cartografia trans* centrada nas aventuras e experimentações destas, indo cada vez mais em direção as composições artísticas. É fundamental que se tenha em mente todos os processos violentos que estas pessoas são submetidas cotidianamente, como podemos acompanhar em estudos como os de Félix-Silva e suas *cartografias das violências nos processos de subjetivação trans*. Mas, estas para além dos estigmas e violências, não cessam de *criar mundos*, em destituir os poderes das violências como condição de vida e direcionam a produções e criações artísticas que são realizadas a partir das modulações em seus corpos e que atravessam também suas composições artístico-musicais.

Aqui atravessamos pontos distintos em face do corpo que devém arte e simultaneamente devém artista, se com o corpo a *Bixa Travesty* realiza consigo, com seu corpo uma incursão em um mundo que sequer a linguagem dá conta – na lógica das semióticas a-significantes –, pois grande parte do exercício de percepção deste *outro* não é realizado, ou como Félix-Silva (p.190, 2015) esclarece: “trata-se, por ignorância ou superstição... de não querer fazer a tradução da diferença que cada travesti e transexual encara no corpo que se esculpe diante de cada um de nós”. Esta incapacidade de tradução da diferença em mundos possíveis, ou o fechar-se sobre si mesmo e negar o *outro*, bem como a tentativa de apagá-lo do campo de percepção é em si um investimento na neutralização das forças que atravessam os corpos e processos de subjetivação *trans-artistas*. Desde a modulação dos processos que esculpem os corpos, aos processos de composições musicais – ao que se direcionam os nossos investimentos – a vida realiza-se como uma composição que só existe em associações imprecisas e imprevisíveis.

## Corpo/Política

É importante a percepção acerca de uma (micro)política atuando neste ambiente de cultura pop, configurando modos de se *estar no mundo*, e, mais que isso, as implicações que as produções artísticas desenvolvem. Algumas das questões acerca da possibilidade de subversão das geografias corporais em face de binarismos de gênero, e ou deslizos, perpassam ainda um tipo de leitura que se faz segmentar sobre as insurgências *trans*. De todo modo, algumas pistas vão sendo deixadas por Guattari (1985), quando tencionou se de fato estaria importando os deslizos e transmutações dos binarismos, ou, como para o autor, o que assumiria centralidade seria de fato certas assunções de



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

corpos em *streak tease* (e musicalizados!), já não mais preocupado se ali o que estaria circulando seria uma identificação com *a mulher*.

Trata-se muito mais de um *devoir outro*, trata-se de uma etapa de tornar-se diferente daquilo que o corpo social repressivo nos destinou. (...) Elas não querem ser levadas a sério, elas lutam por algo mais importante que a seriedade. (GUATTARI, 1985, p. 43-44)

Lidando com o corpo como uma superfície de criação para o preenchimento, acoplamento e saídas, maquiagens e indumentárias são acionadas para criar uma segunda face para o corpo-organismo, face essa onde investimentos são organizados. Ele não cessa de dizer: estou aqui e não sou isso; mas, ao mesmo tempo, não cessa de retrair por sobre si o rasgo intuitivo: eu sou mais que isso. Ela jamais deixou de estar aqui e em todos os lados, a força está presente justamente porque nada cobra, não se responsabiliza e tampouco representa. Ela está sendo, agindo. Presente no eterno *devoir da monstruosidade* que não cessa de ser renovado na capacidade de não “ser isso”. Adensada na possibilidade de não ser o mesmo, tampouco ser um outro, acabado e envolvido.

Mais que organismo e menos que extraterrestre, para além de humano ou superfície de suplementação de próteses, o que estão sendo criados são territórios que não existem sem estes corpos inventados e musicalizados, com contraespacialidades<sup>9</sup>, que se estendem para além dos ambientes geográficos e resvalem exatamente por todas as extensões corpóreas, e por fim em uma grande aposta para a percepção de *micropolíticas* agindo em vidas.

As micropolíticas aqui assumem papel central para que pensemos acerca das possibilidades de construções coletivas para fazer circular um modo de vida – que anseia sempre estar em deslocamentos – a partir de insurgências artísticas. Não é necessário que se faça um resgate para que encontremos quantas *artistas trans* existiram num contexto histórico. Porém, cada vez que um corpo-artista-*trans* figura em cenários midiáticos as reações são as mais distintas. Acusa-se de prontidão a *monstruosidade* do artista. Mais que a figuração do *ser artista* e *estar na mídia*, o que interessa nessa incursão é que não é questionado somente o artista e sua obra, tampouco interessa o autor por trás obra como dimensionou Foucault (2009), nem se de fato existiria uma *função* para este artista-autor. Interessa aqui o que se faz circular – mais que a valoração da obra (seu conteúdo estético ou moral) –

<sup>9</sup> Conceito que é proveniente de Foucault (2013), na temática das heterotopias onde o autor desenvolveu que estas são de dois tipos: as heterotopias de crise e as de desvio. As heterotopias são espacialidades onde seriam permitidos que os desviantes da normalidade social pudessem circular. Aqui a contraespacialidades – que colocam em cheque os espaços normalizados – assumem papel central por onde a cultura pop vai se infiltrar e poder circular.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que está sempre atrelado a um modo de afirmação da vida, que não é somente vida do autor ou da sua obra.

O *devoir trans-artista* que aqui atravessa as produções musicais, se infiltra em espacialidades, constitui suas implicações políticas, cava uma gramática na sua linguagem debochada e escrachada. Põe-se este corpo nas musicalidades, e musicalidades nestes corpos. A arte como espacialidade central para que se possa adentrar numa cultura pop, arrastando para esta dimensão tudo que é da ordem das sensações deste mundo em que vivemos e que não cessa de se reinventar para dar passagem ao que se insurge – enquanto arte, vida, musicalidades, corporeidades outras.

Uma musicalidade *menor*<sup>10</sup> acionando as agitações para a vida e expressividades artísticas. A arte expressa. Expressa os sentidos e ideias de quem a cria. Expressa os processos criativos de quem a elabora em uma relação com o outro. A arte comunica, e quem a produz está se comunicando com o outro que a recebe. Procuramos então ver como estão sendo passados *fluxos* nos processos criativos na atualidade, que refletem os ressentimentos a partir das impossibilidades da vida de quem vivencia as artes. Experimentar a arte, vivê-la, senti-la. Qual a vivacidade do corpo experimentado a partir das ondulações sonoras presentes em performances artísticas na atualidade? Estão sendo experimentadas outras formas de se vivenciar um estado de arte? Consideramos essas potências criativas. E mais: para esses produtores musicais envolver-se em processos criativos denota seus anseios por liberdades musicais, realizando-os de tal modo poderem vivenciar esses estados de arte não individualmente, mas em contato com outros atores.

Há no comum todo um princípio de encontros, os atores estão interagindo entre si, e, a partir dessa interação, estão se transformando a cada momento, assim como Latour (2012) nos mostrou com o princípio dos encontros, onde são feitas associações. Quando trazemos a questão da micropolítica por trás de determinadas produções sonoras é de nosso interesse apresentar a luta pela *expansão da vida* dos ‘atores’ envolvidos nesse processo. Afirmar a vida a partir de um momento de contato com outros ‘atores’, são essas possibilidades que se constroem nos contatos com outros

---

<sup>10</sup> Deleuze e Guattari (2015) investiram nas obras e vida de Kafka para dimensionar a capacidade da desterritorialização em uma língua, atravessá-la com outros conteúdos, enunciações outras. Se Kafka metamorfoseia o humano em um *devoir-animal*, há artistas que devoram um mundo em sua capacidade finita ilimitada para composição de suas músicas, performances, atuações.



modos de se experimentar a vida. Visualizar esses *campos de forças*<sup>11</sup> onde as linhas da vida estão sendo traçadas e sacudidas, nesse momento em que os atores estão se contagiando, adentrar no campo das *intensidades* nas quais os corpos estão conseguindo se expandir enquanto *vibráteis*.

As produções artísticas se apresentam, por vezes, como uma das possibilidades de se usar seu corpo como expressão, atrever-se em outras empreitadas que não as formas *prêt-à-porter*. As letras tornam-se uma das *máquinas de guerra*<sup>12</sup> nessa batalha pela vida, bem como a *composição de territórios* para a existência dos agrupados. Nos palcos, performam-se seus desejos, montam-se e se desmontam suas máscaras, potencializam-se e se acionam devires – quaisquer que sejam estes. Falar, cantar, entoar um som a partir de uma forma-outra, de modo a se conseguir numa forma inventiva, uma suavidade – a partir de um devir-língua – algo de forma singular, podendo potencializar as subjetividades.

Um dos desafios de devir-língua pode ser o de atravessar as formas de *linguagem sensata*<sup>13</sup> e entrar no âmbito das intensidades através de um viés de linha de fuga. A palavra entoada fazendo com que o som da sua anúncio provoque uma vibração na subjetividade flexível. Um som anunciado sem medo e repetido sem culpa destitui a palavra e o estigma, pondo em face de um novo uso, constituindo um *outro mundo*, uma *outra língua*. É esse devir-língua e outros devires que compõem esses corpos *trans*, potencializam a arte, formando uma espécie de transativismo.

### Transativismo na cultura pop<sup>14</sup>

Atualmente tem ocorrido uma notável expansão no consumo de audiovisualidades midiáticas de “*artistas musicais de gênero*”: *drag queens*, travestis, transexuais, gays, lésbicas estão começando a ganhar visibilidade na pauta midiática. Fala-se aqui de uma nova linguagem musical,

<sup>11</sup> A questão dessas forças são traçadas no plano daquilo que Foucault desenvolveu enquanto poder e Deleuze (1992, p. 116) nos diz que “era a relação das forças com outras forças”, mas sobretudo adquirindo um sentido de “dobrar a linha de força, trata-se da constituição de modos de existência”.

<sup>12</sup> A máquina de guerra, em Deleuze e Guattari (2012b), opera enquanto uma máquina que não divide segmentos, ela opera dentro deles. Mostrando o exemplo do jogo Go, onde as peças podem assumir qualquer direção, os autores mostram que, nesse sentido uma máquina de guerra é sempre uma estratégia. Ainda acerca da noção de máquina de guerra Deleuze (1992, p. 47) apresentou que ela atua “como um agenciamento linear que se constrói sobre as linhas de fuga”. Continuando o autor frisou que ela não tem por objeto a guerra, mas sim “um espaço muito especial, o *espaço liso*, que ela compõe, ocupa e propaga” (idem).

<sup>13</sup> Cf. Deleuze e Guattari, Kafka para uma literatura menor, 2015, p. 42-43.

<sup>14</sup> Parte dos próximos parágrafos foi utilizada em proposição como projeto do pós-doutorado júnior de Thiago Tavares das Neves submetida ao CNPQ em março de 2018 e a FAPESP em abril de 2018.





COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

comportamental e estética. (MOREIRA, 2018). Ultimamente várias artistas *trans*, travestis e também *drag queens* vem ocupando esse lugar na sociedade por meio do pop, do rap, do funk. No Brasil, podemos falar da *drag* Pablo Vittar, que alcançou grande visibilidade no cenário midiático, de Lia Clark, MC Trans, Aretuza Lovi, Kaya Conky, Mulher Pepita, e Mc Linn da Quebrada, a maioria iniciando sua atuação no estado de São Paulo.

É inegável a representatividade e a visibilidade que alguns *artistas* musicais de gênero vem alcançando; vozes subalternas começam a gritar, tendo, o palco do entretenimento midiático e da comunicação pós-massiva como lócus de atuação. Outros corpos passam a ocupar o espaço midiático. A cultura pop de hoje é atravessada por questões de gênero, da política, do corpo e do consumo. Linn da Quebrada, por exemplo, iniciou sua carreira ocupando um espaço em que tinha pouca visibilidade, agora já começa a ganhar notoriedade no *mainstream*. Além dos filmes<sup>15</sup> de que participou, também fez uma aparição no programa “Amor & Sexo” da rede Globo de Televisão, e participou de um episódio da série “Liberdade de Gênero”, do canal GNT, vinculado também ao grupo Globo, dedicado somente a ela. E do que nos falamos estes entrelaçamentos entre os estudos de gênero, a comunicação e a cultura pop do entretenimento?

Cabe pensarmos como os “problemas de gênero” adentram à esfera da cultura musical, em que artistas e personagens estão em constante negociação, aparição e desaparecimento. Neste sentido, cabe questionarmos: masculinidades e feminilidades em corpos de artistas musicais são efemeridades que se materializam em apresentações ao vivo, videocliques, shows, redes sociais, sempre mediadas, seja por dispositivos tecnológicos ou por agenciamentos/gerenciamento de carreiras, funcionando também como estratégias de marketing que visam posicionar artistas no mercado e diante de (novas) audiências. (AMARAL; MONTEIRO; SOARES, 2017, p.13).

É importante destacar que grande parte ou a quase totalidade desses *artistas* musicais de gênero entra na cena musical independente com a ajuda das redes sociais. As fronteiras entre o independente e o *mainstream* musical estão borradas – apresentam-se cada vez mais frágeis ou “porosas”- (HERSCHMANN, 2011). Trata-se de negociações que vão sendo feitas entre um e outro. É nesse espaço de negociações que esses *artistas* atuam, inclusive Linn da Quebrada, atravessando o independente e a cultura pop, transitando “entre” os dois.

O ativismo – uma expressão que tem uma tradição aqui no Brasil e ficou um tempo esquecida; nos anos 1970, ela foi bastante utilizada, e ela volta agora, para a gente pensar esses

<sup>15</sup> Os dois filmes a que nos referimos são o documentário “Bixa Travesty” (dirigido por Kiko Goifman e Claudia Priscilla) e “Meu Corpo é Político” (de Alice Riff) que conta a história de quatro transgêneros na periferia de São Paulo.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ativismos musicais de gênero, que é o que eu estudo – o que fica muito claro na interação dos leitores com essas e esses cantores, esses artistas de gênero, é que se trata de uma audiência extremamente crítica e engajada. (...). [Estes artistas] são sujeitos periféricos. Não são jovens de classe média. E isso é percebido pelas audiências. Porque ao consumir, mas não só consumir, ao interagir com essas artistas, eu também estou reconhecendo a possibilidade de uma existência periférica. Então existe uma possibilidade de negociar estas outras formas de existência. (ROCHA, 2018).

Pode-se pensar atualmente numa política que é atravessada pela estética, pelos afetos, pela sensibilidade. Política exercida pelo corpo, pelos sentidos, pela existência no mundo. Um mundo transpassado por tecnologias móveis e digitais que funcionam como armas de enunciação, de comunicação e de consumo por vários artistas musicais do cenário *mainstream* e independente. Nesse cenário contemporâneo vivemos uma ciber-cultura-*remix* como já dizia Lemos (2005), em que as tecnologias de informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços. Os produtos passam por processos de hibridização, bricolagens, recombina-se, atravessam uns aos outros.

Há o surgimento de um corpo tecnomidiático atravessado por tecnologias e diferentes mídias, o que o torna transmidiático. É esse corpo tecnomidiático/transmidiático/*remix* que também vem sendo consumido hoje em dia por meio de visualidades e sonoridades. Consumimos ou devoramos imagens, como diz Norval Baitello (2005), visuais e sonoras (audiovisualidades), olfativas, táteis, gustativas e essas imagens nos consomem/devoram também, num processo constante de retroalimentação. As mídias operam como construtoras desse corpo “*trans*” contaminado por elementos do masculino e do feminino, atuando na circulação das visualidades e sonoridades desse corpo em forma de produto. Trata-se de uma estética visual, sonora e midiática com forte apelo político e artístico.

Nesse contexto é importante ressaltar sobre a possibilidade de um transativismo, um tipo de ativismo de gênero articulado por artistas transexuais, transgêneros e travestis. Artistas *trans* que utilizam o seu corpo como arma semiótica e política, máquina de enunciação. O corpo *trans* é instrumento de poder, revolucionário, comunicativo. É resistência. As travestis, os transexuais, os transgêneros e transvestigeneres (indivíduos que são transexuais e travestis) são pessoas que tem suas existências e vozes silenciadas na sociedade contemporânea, principalmente as travestis que são vítimas do imaginário da prostituição como única forma de vida e de trabalho. São subjetividades emudecidas, excluídas, menores, mínimas, mas que tem sua potência, sua força afetiva e é por meio



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

dessa potência que se pode ocupar outros espaços na sociedade: na universidade, na polícia, nos bancos, em cargos administrativos, na docência, nos tribunais, na política, nos hospitais, nos shoppings, na arte, na música.

O corpo é objeto dessa guerra e a sexualidade não escapa desse panorama. Somos resultado de uma sociedade disciplinar metamorfoseada na contemporaneidade numa sociedade de controle, ou, para melhor definir, uma sociedade farmacopornográfica. Na era da farmacopornografia a psicologia, a endocrinologia, a sexologia vem estabelecendo autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, de libido, de consciência, de feminilidade e masculinidade, de heterossexualidade e homossexualidade em realidades tangíveis, em substâncias químicas, moléculas comerciáveis, em corpos, biótipos humanos, em bens de intercâmbio geridos pelas multinacionais farmacêuticas. Há um controle farmacopornográfico da subjetividade, máquina motora do capitalismo atual, cujos produtos são a serotonina, a testosterona, os antiácidos, o cortisol, os antibióticos, o estradiol, o álcool, o tabaco, a morfina, a insulina, a codeína, o Viagra e todo aquele complexo material-virtual que pode auxiliar na produção de estados mentais e psicossomáticos de excitação todo regido por uma economia política dos afetos e do desejo. O corpo viciado e sexual, o sexo e todos os seus derivados semiótico-técnicos são hoje o principal recurso do capitalismo pós-fordista. (PRECIADO, 2017).

O corpo *trans* é um laboratório vivo de produção de subjetividades diversas, um corpo aberto aos afetos, devires, um devir “*trans*” talvez; um corpo em mutação, artístico, político e potente. Um corpo King Kong<sup>16</sup>. Linn da Quebrada vivencia isso, atrelando seus afetos a seu corpo:

Ser trans para mim não é necessariamente ter um ponto de chegada. Eu vivo um processo, meu corpo enquanto um processo, meu corpo enquanto um processo. Não sei exatamente aonde quero ir, onde vou chegar com este corpo. Não sei como estarão meus afetos amanhã, não sei como vou me comportar esteticamente amanhã e depois, nem daqui a 10 anos. (MOREIRA, 2018, p.78).

Falamos aqui também de uma potência “*trans*”, acreditamos que nela reside a força do transativismo. É importante aqui destacar o papel da potência *trans*. A potência entendida aqui sob a ótica de Spinoza está relacionada com a força de um afeto. A potência não é o que o indivíduo quer,

<sup>16</sup> King Kong funciona aqui como uma metáfora de uma sexualidade que precede a distinção de gêneros tal como politicamente imposta no final do século XIX. King Kong encontra-se além da fêmea e além do macho. Esse ser está na encruzilhada entre o homem e o animal, o adulto e a criança, o bom e o mau, o primitivo e o civilizado, o branco e o preto. Híbrido, diante da obrigatoriedade do binário. A ilha do filme é a possibilidade de uma forma de sexualidade polimorfa e superpoderosa. (DESPENTES, 2016, p.94).



por definição é aquilo que ele tem. Como já dito anteriormente, pessoas possuem potências diferentes. Poder existir é potência, viver é ter potência, morrer é perda de potência. A potência é sempre ato, ou está em ato<sup>17</sup>. O homem pode ser compreendido como potência, pois ele tem o poder de criar, produzir e agir. Potência é positividade, afirmação, poder de existir. Spinoza (2010) fala de uma aptidão do corpo que corresponde a sua potência, o corpo está apto a agir (afetar) e a sofrer (ser afetado). É aí que reside a probabilidade de um novo tipo de relação, de uma outra comunicação.

Acredito na possibilidade de existência de uma potência *trans* ou uma transpotência. Seria essa força de existir que esses indivíduos encontraram para se reinventar e construir outros ‘eus’, novas ‘subjetividades’ e existências plurais, diferentemente do que espera a sociedade “heterocisnormativa”. A transpotência emerge do escuro, dos momentos de conflito, das crises, dos preconceitos, dos xingamentos, da violência oral, física e simbólica a que essas pessoas estão submetidas no cotidiano. Essa força de existir (potência *trans*) pode ressoar também na música, no teatro, no cinema. A potência *trans* é a mola propulsora do transativismo.

É por meio da música que essas pessoas aumentam sua possibilidade comunicativa e artística. É através do corpo que a partícula *trans* emana como aquilo que atravessa, que está em movimento, em ação, mutação, agenciamento, produção; o *trans* pode ser encarado como máquina de afetos, de alteridades, de relações comunicativas.

## Referências

AMARAL, Adriana; MONTEIRO, Camila; SOARES, Thiago. O queen, a queen: controvérsias sobre gêneros e performances. **Famecos**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/23912/15013>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia – ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza e o problema da expressão**. Tradução de Spinoza et le problème de l’expression. Paris: Les éditions de minuit, 1968.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

---

17 A identidade de uma potência traz um poder de ser afetado que lhe corresponde e lhe é inseparável. Ora, esse poder de ser afetado é sempre necessariamente exercido. À *potentia* corresponde uma *aptitudo* ou *potestas*; não existem, no entanto, aptidão ou poder que não sejam efetuados. (DELEUZE, 1968).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3.** São Paulo: Editora 34, 2012a (2ª Edição).

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Kafka: por uma literatura menor.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong.** São Paulo: n-1edições, 2016.

FELIX-SILVA, Antonio Vladimir. Comigo ninguém pode: subjetividades trans e a politização do corpo no limiar da contemporaneidade. In: **Desfazendo Gênero: subjetividade, cidadania e transfeminismo.** Berenice Bento, Antônio Vladimir Felix-Silva, Natal-RN: EDUFRN, 2015, ps. 181-200.

FOUCAULT, Michel. **O Que é um Autor?** In: Ditos e escritos – Estética: Literatura e pintura, música e cinema, Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **O corpo utópico, As heterotopias.** São Paulo: n-1 edições, 2013.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

GREINER, Christine. **O corpo – pistas para estudos indisciplinados.** São Paulo: Annablume, 2005.

HERSCHMANN, Micael (org.). **Nas bordas e fora do mainstream musical – novas tendências da música independente no início do século XXI.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social.** Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades.** São Paulo: n-1 edições, 2014.

LEMONS, André. **Ciber-cultura-remix.** São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em: [http://sciarts.org.br/curso/textos/andrelemons\\_remix.pdf](http://sciarts.org.br/curso/textos/andrelemons_remix.pdf) . Acesso em 17 dez. 2017.

MOREIRA, Larissa Ibúmi. **Vozes transcendentais – os novos gêneros na música brasileira.** São Paulo: Hoo Editora, 2018.

PRECIADO, B. P. **Testo yonqui.** Buenos Aires: Paidós, 2017.

ROCHA, Rose de Melo. ROCHA, R. M. 'Artistas de gênero' e a transformação pela música. [7 de fevereiro, 2018]. **Gênero e Número.** Entrevista concedida a Carolina de Assis. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/entrevista-artistas-de-genero-e-transformacao-pela-musica/>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

SOARES, Thiago. "Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop". **LOGOS 41 - Cidades, Culturas e Tecnologias Digitais**, v. 2, n. 24, p.1-14, 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14155/10727>> Acesso em: 10 fev. 2018.

SPINOZA. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.



COMUNICON2018  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO